

Eliana Henriques Moreira

Universidade Federal do Tocantins-Porto Nacional

A “superação” da distinção corpo e alma na leitura heideggeriana da arte

Propomos discutir como a leitura heideggeriana da arte busca caracterizar-se a partir de uma tentativa de “superação” do modo de pensar metafísico. Na metafísica moderna predomina a concepção do homem como um composto, formado de partes, o corpo e a alma, sendo que historicamente a alma constituiu-se como “lócus” privilegiado, como o lugar da razão, já o corpo, e com ele os sentidos, os sentimentos e as emoções, foram considerados como “inferiores”, como o lugar “do erro e do engano”, evidenciando uma hierarquização do conhecimento e das artes. As ciências, pautadas na razão, são vistas como conhecimento “superior”, mais importante. Baumgarten, na obra: Estética – a lógica da arte e do poema, de 1750, busca tratar a arte como uma “ciência das sensações” numa tentativa de elevá-la em importância. No entanto, na contemporaneidade, Martin Heidegger busca evidenciar que o princípio do homem visto como um ser composto de corpo e alma, embora não seja falso nem errôneo, não dá conta de compreender o modo de ser deste ente desde os seus fundamentos, já que esta visão advém de uma compreensão “derivada”. Trata-se de retomar o ser do homem em sua constituição fundamental, que se faz na relação com o ser. O constructo Dasein, ou ser-aí, é o termo que Heidegger usa para tal, buscando caracterizar o modo humano de ser em seus fundamentos. Trata-se de recuperar o valor do sensível frente ao “poder irresistível de uma razão universal” e perceber, a partir da leitura heideggeriana da arte, que não se separam razão e sentidos, e que os sentidos não são inferiores, mas devem ser entendidos a partir da constituição mais própria do ser-aí.
